

PREÂMBULO

Chegara pela primeira vez a Cabo Verde no dia 13 de agosto de 1996. Aterrava no Aeroporto Internacional do Sal. Do ar a ilha assemelha-se a um lugar fora do lugar. Como que, por capricho, alguém quisesse transportar um pedaço de deserto para o meio do oceano. Árida, inóspita, quase lunar ... capaz de perturbar a percepção sobre o tempo e sobre o espaço. Facilmente somos absorvidos por uma sensação de que o tempo parece correr mais devagar. Como que uma espécie de dilatação, o tempo aqui parece não ter pressa. E o espaço é vago, quase indefinido. Afinal, os lugares são os ourives do tempo e do espaço. Depois tive a ocasião de viajar pelas ilhas de Santiago, Boavista, São Vicente, Santo Antão e Fogo.

Há muito que pensava utilizar esta experiência, desenvolvendo a pouco e pouco o esquema que serviria de base para a elaboração deste pequeno livro. Trata-se, pela maior parte, resultado de uma experiência pessoal, da leitura de alguns anos, e de pequenos trabalhos de investigação que, sempre em colaboração com colegas e amigos, iam sendo publicados. Por isso, convidei o Doutor Luciano Lourenço, um Professor de referência na Geografia e nas Ciências Cindínicas, tendo em conta os momentos em que discutimos referenciais teóricos e concetuais, assim como as vastas horas que partilhámos em trabalho de campo. Foram muitos os trilhos que percorremos, as ravinas que calcorreamos, buscando compreender melhor o vasto e complexo mundo dos Riscos. O mesmo aconteceu com a Doutora Adélia Nunes, pois dividirmos inquietações temáticas, em especial no que diz respeito à dimensão percetiva e à educação para o Risco. O convite à Doutora Fátima Velez de Castro partiu de uma experiência de trabalho de campo in loco, que ambos realizámos na Ilha do Fogo (Cabo Verde), onde pudemos cruzar o olhar da Geografia Física e da Geografia Humana, em torno do risco vulcânico e do risco social envolvido.

Contudo, não fora nunca minha intenção que este livro fosse uma coletânea de trabalhos, organizados em função de um tema, mas antes, um texto que desse ao leitor uma visão abrangente e integradora dos riscos em São Vicente.

Entre outros trabalhos e viagens, a conclusão deste livro demorou mais do que se supunha; alguns dados logo perderam atualidade. Podiam ser “refrescados” com as últimas estatísticas e, principalmente, com uma desejada deslocação ao campo, que havia já sido programada, mas que pela força de um contexto pandémico, não foi possível concretizar. Mas, a vontade de publicar este livro e de apreender antes a marcha dos prodígios do que o seu derradeiro momento, apressou a sua publicação. E, assim, ao leitor que porventura desminta o aforismo acima citado, que me desculpe de ainda assim assumir o ingénuo propósito, provavelmente, o de todos os autores, de que seja, perdurável.

Se num livro acaba sempre por encontrar-se algo de autobiográfico, espero que o leitor descubra nele uma parte de muito trabalho de campo, a que todo o geógrafo, por força da formação, a ele desde cedo se habituou.

Bruno Martins